

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

25

CH
CENTRO DE HISTÓRIA



MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

contributo de A. Blanshard. Aliás, nesse estudo, traz-se à colação o tema da homossexualidade em produções cinematográfico-televisivas, como os celebrados *BenHur* da MGM e *Spartacus* da STARZ, e as formas distintas e de certo modo «inovadoras» como aí foi tratado, qual sintoma dos tempos que produziram tais espectáculos. A terceira e última parte, *Two Romosexual Authors and their Influence*, centra-se na literatura latina de Catulo e Marcial (mais concretamente uma tradução oitocentista de Marcial), com dois excelentes contributos de R. J. Hexter e C. Williams.

A escolha dos subtítulos para cada uma das partes é também significativa. Com eles, a coordenadora do volume como que cria um novo conceito: o de Romossexual ou de Romossexualidade. A intenção parece ser a de claramente especificar ou determinar as especificidades da sexualidade em Roma, nomeadamente no que diz respeito à homossexualidade. Não temos a certeza de que a proposta de Ingleheart seja absolutamente absorvida pela comunidade académico-científica. Mas fica a proposta e a sua pertinência.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História

BRETT M. ROGERS & BENJAMIN ELTON STEVENS eds. (2015) *Classical Traditions in Science Fiction*. Oxford, Oxford University Press, 380 pp. ISBN 9780190228330 (£64.00).

Quem, como nós, viveu a infância e a adolescência nos anos 70 e 80 do século XX, num país da Europa Ocidental, conheceu produções cinematográficas e televisivas que deixaram marcos na cultura popular do século passado, como *Star Wars*, *Space 1999* ou *Battlestar Galactica*. Quando os estudos de Cultura Clássica passaram a fazer parte da nossa formação académica e científica, esses espectáculos da era moderna foram naturalmente sujeitos a crivos e a releituras, aos quais não faltou a perspectiva da tradição greco-latina. A título de exemplo, dificilmente deixaremos de relacionar conceitos como «império», «senado» ou «república» (já para não falar do enredo de sabor épico-trágico em si mesmo), estruturantes no enredo de *Star Wars*, ou títulos como *Ultima Thule*, com que um dos episódios de *Space 1999* é nomeado, com essa tradição clássica. Por conseguinte, não é de todo de espantar a publicação de um livro subordinado a um tema como o do que recenseamos de momento. O seu lançamento só pode ser entendido como muito bem-vindo e, eventualmente, só peca por tardio.

Integrado na colecção *Classical Presences*, da Oxford, cuja temática de base são os estudos de recepção, podemos incluir esta publicação num âmbito mais alargado, como o que ultimamente nos tem oferecidos trabalhos sobre a presença e influência clássica na literatura contemporânea, no

teatro contemporâneo, na pintura moderna, na televisão, no cinema ou na banda desenhada. Com efeito, esse tipo de trabalhos tem proliferado nos últimos anos e faz sobretudo prova de uma renovação da filologia clássica, que passou a olhar para expressões da cultura popular contemporânea como objectos igualmente válidos para investigação científica.

O livro em apreço está dividido em quatro partes, sendo a primeira delas dedicada ao «dealbar» da literatura de ficção científica, através da magnífica metáfora de sabor homérico «Rosy-Fingered Dawn», e suas relações com o substracto cultural clássico. Neste sentido, destacamos o estudo de J. Weiner, que analisa numa perspectiva comparatista o *Frankenstein* de M. Shelley, tendo por base autores como Lucrécio e Lucano. A segunda parte, *SF "Classics"*, foca a atenção em obras literárias e metaliterárias, entendidas como «clássicos da ficção científica», destacando nelas as suas raízes greco-latinas intrínsecas. O estudo de J. P. Christensen, sobre a relação de *Dune*, de F. Herbert, com a *Ilíada* é um dos casos a destacar. A terceira parte, *Classics in Space*, faz prova do que dissemos no início desta recensão. «Classical Antiquity and Western Identity in *Battlestar Galactica*» é talvez o melhor exemplo que podemos citar. A quarta e última parte, *Ancient Classics for a Future Generation?*, centra-se em produções de cariz cinematográfico mais recente (não sendo de desprezar a ideia de que a imagem e a meta-literatura têm vindo a ganhar terreno neste domínio, sobrepondo-se de algum modo à literatura), como mostra o trabalho de M. Makins, sobre os filmes *The Hunger Games* e sua relação com a história clássica, mais concretamente o Império Romano.

Naturalmente, estudos sobre *Star Wars* e *Space 1999* impõem-se neste domínio. O papel que estas séries cinematográfico-televisivas tiveram no imaginário do público ocidental das últimas quatro décadas é da maior importância, com reflexos ainda nos dias de hoje, e urge salientar o seu substracto clássico. Na verdade, ao fazê-lo, estaremos a revalorizar o nosso património cultural e a nossa herança greco-latina, continuamente chamada à colação, mesmo quando as obras de literatura ou de cinematografia pretendem como que reinventar as nossas expressões culturais. Aguardamos, por isso, novos estudos no âmbito desta matéria.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História